



AS REPRESENTAÇÕES DO URBANO, NOS POEMAS DE HELENA KOLODY

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3757

Tiago Boruch, UNICENTRO

Pedro Henrique Wasilewski Almeida, UNICENTRO

Resumo

Este trabalho faz uma análise do papel da literatura no espaço urbano, com a intenção de se pensar a cidade pelos sentimentos e emoções dos seus personagens, buscando como aporte os poemas da autora paranaense Helena Kolody. Destacando as representações do urbano, ligado ao cotidiano da cidade. Tendo em vista o reflexo dos espaços e ambientes na literatura bem como na sua composição ficcional. Levando-se em conta os imaginários urbanos coletivos que, junto às ficções, desempenham relevante papel na formação das identidades. Busca-se através do uso dos poemas kolodyanos, uma fonte de evidências históricas, para representar tais espaços e o seu cotidiano. Compreendendo questões de como a poetiza representa o espaço urbano? Que histórias e sensibilidades históricas traz à tona? Como a poetiza representa o hábitos dos cidadãos? E como os descrevem. A partir de tais constatações, o espaço urbano pensado e analisado historicamente, nos oferece imagens, tipos, costumes e linguagens. Que com a utilização da literatura nos permite de interpretações e análises de tais argumentos e objetos, de tal forma que o estudo dos poemas nos remete as experiências de vida da autora. Interligado a sua consciência artística em relação ao seu próprio mundo, dentro da história cultural. Contudo as representações poéticas de Kolody sobre o espaço urbano inspira um novo olhar para os sentimentos e emoções contextualizados nos poemas. Esses vão muito além das fronteiras dos livros, se transportam em ideias e maneiras de se viver.

Palavras Chave:

Urbano; poesia;
literatura; Helena
Kolody; representações.

Os estudos e reflexões acerca do cotidiano e dos espaços urbanos nos proporcionam uma aproximação maior diante de um fato, muitas vezes deixado de lado em outras visões de cunho totalizante. Nesse sentido, os estudos historiográficos acerca da vida cotidiana e de seus espaços devem ser tomados como um rico campo de investigação histórica.

Quando pensamos em poesia, logo temos em mente, emoções e sentimentos. Sim, isso é algo que marca esse gênero literário. Mas é preciso ir além do sentimento, ou melhor, pensar aonde tal emoção é vivida, qual o espaço, urbano ou rural? Imaginário ou real? Ao nos questionarmos sobre isso, é necessário fazer uso da poesia como fonte histórica, olhar para ela com a perspectiva científica, além do imaginário, passando para o espaço real. Recorrer à poesia para o conhecimento histórico requer uma reflexão sobre ela enquanto documento. Nesse caso, a poesia como fonte interpretativa na história requer o uso de diferentes artifícios.

Hayden White afirma que: “o modo como determinada situação histórica deve ser configurada depende da sutileza com que o historiador harmoniza a estrutura de enredo” (2001, p.102). Assim através deste artigo, buscaremos entender a poesia no espaço urbano, suas significações e representações ao decorrer da história, em específico como a poetisa paranaense Helena Kolody, escreve sobre o urbano ao longo de sua obra.

O espaço urbano nos oferece imagens, tipos, costumes e linguagens. A literatura busca uma interpretação e análise de tais argumentos e objetos. E tal poética, percorre os mais variados espaços urbanos do Brasil e do mundo. A literatura não só serve para nos presentear com romances e comédias, é ferramenta persuasiva na construção da sociedade no

decorrer dos séculos.

Assim afirma Antonio Candido (1985); “Com efeito, todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais”. Dentre os quais o espaço urbano oferece, cenários, personagens e cultura, uma verdadeira peça de teatro do cotidiano. Um palco para os escritores, que a partir da vida urbana, apresenta um imaginário da literatura urbana. Sendo um teste de diferentes cenários para o argumento do texto, do conto ou da poesia que será elaborada.

A cidade em si nos traz sentidos e perca de sentidos. O espaço urbano é refletido na literatura e na sua composição ficcional. Dentro dos estudos culturais que destacam a cidade, é fecundo levar também em conta os imaginários urbanos coletivos que, junto às ficções, desempenham relevante papel na formação das identidades. Como coloca Nestor Canclini:

Este tipo de aproximação tem consequências para a construção da cidadania cultural, porque esta cidadania não se organiza somente sobre princípios políticos, segundo a participação “real” em estruturas jurídicas ou sociais, mas também a partir de uma cultura formada nos atos e interações cotidianos, e em projeção imaginária desses atos em mapas mentais da vida urbana. (1997: 96).

A cidade imaginada amplia seus sentidos dentro da literatura. A mesma literatura que no início do século XIX, serviu para se criar uma identidade, tanto nacional como regional. Os Poemas de Helena Kolody¹, referentes ao urbano, se encaixam no período que a escritora viveu na capital paranaense Curitiba, de 1928 a 2004. A partir da análise e percepção de alguns dos seus poemas, faremos uma

¹ Descendente direta de ucranianos, a poetisa nasceu em Cruz Machado, interior do Paraná, no

ano de 1912, vindo a falecer na cidade de Curitiba em 2004. **Sinfonia da vida**. Curitiba: Editora Letra viva, 1997.

busca para retratar o imaginário urbano construído em sua obra.

A poetiza Helena Kolody, ao longo de sua vida, escreveu sobre inúmeros temas em suas poesias. Destaca-se a religiosidade, a imigração ucraniana, natureza, cultura da terra e o cotidiano urbano.

Ao pensar em cidade, logo temos a imagem do espaço urbano, as grandes metrópoles. Mas se buscarmos o real sentido da cidade, adentramos em diferentes vias. Não geograficamente, mas na multiplicidade dos sentidos, nas estações do ano, nas festas e comemorações, religião, costumes e tradições.

De tal forma que a análise da produção literária da poetiza, permitirá uma retomada da sua vida intelectual, dando evidências em seus poemas, as histórias que acompanha cada palavra, a fim de destacar a importância da poesia kolodyana, partindo da sua consciência artística em relação ao seu próprio mundo, dentro da história cultural.

A cidade é um estado de cultura, onde a sociedade é a engrenagem para seu funcionamento, assim pondera Marco Aurélio de Souza:

Nas regiões de memória da poética kolodyana, o tempo não se mede pelos relógios ou calendários, e a distribuição das fases do dia, das estações do ano e dos fenômenos climáticos responde ao repertório subjetivo da escritora. (2013, p.293).

O poema “Aquarela”, publicado na obra *Reika* de 1993, nos revela em seus versos, essa relação cidade, natureza e sentimentos, que Kolody enfatiza em sua poesia, uma mistura de imaginários e paisagens;

Sol de primavera.
Céu azul, jardim em flor.
Riso de crianças.
Na pauta de fios elétricos,
uma escala de andorinhas.

(KOLODY, 2001.p,24)

As poesias de Kolody permitem a nós encurtarmos caminhos para se aproximar da cultura de um povo, que leva, além de todo o anseio particular da poetiza em retratar suas tradições, o cotidiano, o espaço urbano e rural, a partir da memória e relatos históricos. No poema acima, crianças e andorinhas se misturam a uma paisagem urbana e rural, como era Curitiba na década de 40. Helena Kolody, além de escrever sobre o espaço urbano, nos leva a várias interpretações sobre a vida que circula nele.

Para pensarmos uma identidade representada no urbano podemos dizer que, a identidade urbana representa um referencial simbólico de identificação que remete às imagens concretas da urbe, mas que a extrapolam, integrando-se a todo um imaginário social construído sobre a cidade. Sandra Jatahy Pesavento nos dá a seguinte colocação a respeito da identidade urbana;

O texto literário, dialogando com a realidade, pelo seu caráter artístico, é capaz de produzir diferentes olhares sobre o urbano “que traduzem não só as transformações do espaço como as sensibilidades e sociabilidades dos seus agentes”. (PESAVENTO, 1999, p. 13).

Como exemplo o poema intitulado “Pelos bairros esquecidos”, originalmente publicado na obra *Ontem Agora* de 1991, Helena, se preocupa com a vida, de pessoas excluídas em muitos bairros periféricos da cidade, onde sonhos são perdidos, um imaginário de tantas emoções. O bairro esquecido, com seres humanos e suas vidas. Operários, crianças, pais e mães de família, simplesmente esquecidos, mas, no entanto, existe má vida que não para. Formando uma identidade imaginária, como o imaginar dos bairros esquecidos de Kolody:

Pelos bairros esquecidos,

tantos passos,

tantos risos,

tantos sonhos perdidos

(KOLODY, 2001, p.32)

É perceptível ver que Curitiba e seu espaço fossem a terra prometida de Kolody. Aspirada e desejada pelos imigrantes que no Brasil chegavam. Como descendente de ucranianos, Helena manteve ligada em seus escritos a sua ligação com a pátria de seus pais. Mas foi em Curitiba, em meio à transformação de campo em cidade, que a autora colocou seu nome na história da literatura paranaense. Podemos perceber pela própria fala da autora:

Hoje, moro em um apartamento cujas janelas se abrem para a praça mais movimentada de Curitiba. Terminal de ônibus que levam a quase todos os bairros da cidade. Raramente escrevo. Agora sou uma simples espectadora. Igual a uma camponesa, que se senta no fim da tarde e vê a vida acontecer. Mas que continua sonhando! (KOLODY, 1997a, p. 13).

Segundo Luiza Cristina dos Santos Fontes que escreve inúmeros trabalhos sobre a poetiza dentre eles aborda sobre a terra estrangeira de Helena Kolody e como Curitiba e seu espaço urbano serviu como aporte para os imigrantes ucranianos e para Kolody. Segue a citação:

Sua pátria é sobretudo Curitiba. Curitiba é a terra Estrangeira de Helena Kolody. Curitiba é a Ucrânia revisitada. É mais que um mero nicho de enraizamento. Curitiba soube preservar e potencializar sua pluralidade, sua multivocidade, seu “cosmopolitanismo” (FONTES, 2007, p. 177).

Helena Kolody representa em seus poemas, a dualidade vivida por Curitiba em seu período de transformação. Entre o rural e o urbano, os impactos, não só no cotidiano, mas na natureza e na relação do ser humano com seu modo de vida. Como nos coloca

Fontes, a multiplicidade e a pluralidade, contribuem para o desenrolar artístico de Kolody. Helena ao decorrer de sua obra, observou as transformações do espaço e da cidade e colocou tais observações em seus poemas, buscando elevar suas próprias aspirações. É o que nos coloca Michael de Certeau (1994) “o espaço está sempre sendo transformado, sendo humanizado em decorrência dessa transformação ocorrer através do homem e para satisfazer suas aspirações”.

Nessa mesma lógica, a poetiza escreve sobre seu passado pelas cidades do interior paranaense em que viveu, como; Cruz Machado, Rio Negro, Jacarezinho Ponta Grossa e em Três Barras, cidade do interior catarinense que faz divisa com o Paraná. Em alguns poemas escritos sobre tais cidades e suas representações, partimos de sentimentos que vão além do urbano e do rural. Tanto o espaço da cidade como do campo, vai além do físico e material das construções. Nesse sentido buscamos analisar o contexto em que as ideias de campo e cidade são construídas e o que está associado a essas ideias.

Para Raymond Willians as representações estão pautadas nas transformações sociais que afetam diretamente a população. Unindo isso as formas de representações nas poesias constata-se que em um simples ato rotineiro e cotidiano, é possível encontramos sentimentos, emoções e ações. Vejamos em uma abordagem sua sobre a representação do rural;

[...] devo dizer que para mim a vida rural tem diversos significados. São os olmos, os pilriteiros, o cavalo branco no campo que vejo pela janela enquanto escrevo. São os homens na tarde de novembro, voltando para casa depois da poda, as mãos enfiadas nos bolsos dos casacos cáqui; e as mulheres de lenço na cabeça, paradas às portas das casas, esperando pelo ônibus azul que as levará para o campo, onde trabalharão na colheita durante o horário escolar. É o trator

descendo a estrada, deixando a marca denteada dos pneus na lama; é a luz acesa na madrugada, na criação de porcos do outro lado da estrada, no momento de um parto; o caminhão lerdo na curva fechada, repleto de carneiros amontoados na carroceria; o cheiro forte do melaço na forragem. É a terra estéril, de argila saibrosa, não muito longe daqui, que está sendo loteada para a construção de casas, ao preço de 12 mil libras o acre. (WILLIAMS, 1989, p. 13)

Como exemplo disso Helena Kolody, retrata a rotina dos imigrantes pelo interior paranaense, muitas dessas lembranças em seus textos são de sua própria experiência de vida. Os temas cotidianos que nos fazem pensar o urbano e o rural são muitos. Porém, o que chama atenção, são os fatos mais simples do dia-a-dia, ligados a rotina do trabalho, a percepção do dia e a contemplação da natureza. O cotidiano faz parte da vida social em que a produção e a reprodução da vida material encontram-se. Ou seja tudo aquilo que vai além do imaginário, como abordado anteriormente. Vejamos o exemplo a seguir de parte do poema “Carroça de Tolda”, de 1961;

Cedo, a carroça
Já vai na estrada.
Vai a parelha
Bem ajazada
Franja de guizos
Pela testada...
Cantam os guizos
Na madrugada
Nesta
Parece, a tolda
Lenço de lona.
De lenço branco.

(KOLODY,1961)

Na rotina do espaço urbano do interior, Helena desvenda o cotidiano, ilustra com sua poética personagens, paisagens, natureza, religião. Cultura dos imigrantes, cultura urbana e rural. A poetisa enfatiza a predominância de um tempo cíclico, de um mundo rural, caracterizado pelo ritmo da natureza. A austeridade do dia-a-dia, da lida no campo e no trabalho doméstico é contrastado com um tempo de alegria, de liberdade e de fantasia.

As recordações e as memórias da autora tornam-se referências históricas aplicadas em seus textos poéticos. Tudo isso é levando em conta que a poetisa posiciona-se frente aos conflitos e às articulações por ela criadas. Como coloca Carlos Monteiro;

A Literatura constitui-se, portanto, num documento que conta, cria e recria um momento espaço-temporal, trazendo elementos para se pensar a sociedade e o espaço que constituam o ambiente do escritor. Neste sentido, “os bons escritores, como testemunhos de seu tempo, captam ‘eventos’ retratando os aspectos da condição humana que ‘tiveram lugar’”. (MONTEIRO, 2002, p.86)

Assim fez Kolody, sendo testemunha de seu tempo, retratando além do espaço, a condição humana e tudo que aproxima com a história. Unindo elementos cotidianos a emoções diárias que cada pessoa expressa durante a vida. Recriando e desconstruindo imaginários através de seus poemas. Sendo referência poética do seu tempo. Deixando um legado de fontes que possam servir para indicar as representações urbanas e rurais de determinada época. Como coloca Antonio Donizeti da Cruz;

As imagens kolodyanas conseguem ser, ao mesmo tempo, simples e profundas, dizendo tudo com simples alusões. Seus versos distinguem-se por essa capacidade

peculiar de sugeridos fenômenos imperceptíveis, como as lembranças, os sonhos, nostalgias e imaginação. (CRUZ, 2007).

Desse modo, sua obra identifica uma questão recorrente na história da literatura, a idealização e o saudosismo em relação ao passado e ao mundo urbano. A literatura com sua linguagem registra uma época, parte da história e da memória. Não só com sua subjetividade, mas com uma leitura do seu próprio tempo. São as representações de um dado momento do mundo na história. Helena realiza um debate das ideias e pressupostos em voga ao longo dos anos, demonstrando empiricamente como e em que momentos a idealização do passado e da sua vida se faz presente em seus poemas.

Para tanto a poesia kolodyana reside na forma e capacidade de ver o mundo com uma visão original contemplando o mundo, a vida, as coisas. A poeta parte da experiência cotidiana e a projeta num leque de imagens, emoções e pensamentos, num universo sob forma de poesia. Algo que vai além das representações do imaginário urbano.

Em outra poesia a autora escreve sobre os menos favorecidos do cotidiano, uma visão sobre os personagens excluídos da história, mas que no espaço urbano são protagonistas. O poema “Marginal” original do livro *Trilha Sonora* de 1966, expressa todo o sentimento a florado pelo reflexo de um ser humano em condição de minoria na sociedade. Segue o poema:

A vida o arrasta pelas ruas

Tempo distante, repartido em horas.

Gosto esquecido de comida quente.

Os dedos lembram o trabalho antigo.

A alma repele a mágoa de indigente.

Molambo abandonado em maré

baixa,

Bicho atirado ao sorvedouro da torrente,

Que se debate, reage e luta, corajoso,

Mas, afinal, vai afundando, indiferente.

(KOLODY,2001, p.124)

Esse poema em suas entrelinhas é a pura representação da vida e da sociedade urbana da minoria, um marginal, com sonhos e lembranças, rotulado e excluído pela sociedade. Personagem existencial de uma história urbana. No mesmo livro Kolody escreve o poema “Menino de Arranha – céu”, em alusão as construções que dominavam a capital paranaense nos anos 60. Porém a autora não pretende dar importância ao edifício, mas sim ao menino que habita o seu interior.

Kolody ao escrever esse poema não se refere apenas a um menino, mas coloca a sua própria vida habitando um arranha-céu. Uma mistura de arte e real cria a admiração da obra de Helena Kolody, as temáticas fazem com que desperte a compreensão de diferentes aspectos dos sujeitos cotidianos em relação com o mundo subjetivo.

Canarinho preso

a voar a rosa-dos-ventos

num mundo de estampas

Viajam teus olhos curiosos

imaginados caminhos,

guardados pelas vidraças,

camundongo emparedado.

(KOLODY, 2001,p,124)

Em 1964 na obra *Vida Breve*, a poeta escreve a poesia “Noturno”, a mesma também referência as grandes

construções e a vida em seu entorno. Um reflexo do cotidiano noturno da cidade refletido nos edifícios de Curitiba, como é possível perceber no primeiro estrofe do poema:

Denso jardim de arranha-céus,
Florindo anúncios luminosos
E as rumorosas multidões
Dos que não sabem estar sós.
(KOLODY, 2001.p,147)

De tal modo ao analisarmos as poesias de Kolody, percebemos que a narrativa literária é capaz de introduzir o historiador num universo de alternativas históricas possíveis, permitindo o seu trânsito entre elementos ou camadas colocadas à margem da sociedade e da história de diferentes classes e fatos sociais. Em uma constante construção acerca das representações do espaço urbano e rural. Sendo uma configuração não só do tempo mas da sociedade retrata nos poemas.

Segundo Valdeci Rezende Borges (1993: 41) “toda produção literária, enquanto representação poética, percepção e concepção da realidade, é uma configuração específica da sociedade através dos acontecimentos imaginados e idealizados dos autores”. No entanto a representação literária é fonte de informações para os historiadores como, por exemplo, as práticas cotidianas em um espaço urbano ou rural que possua personagens e artefatos para a ilustração histórica.

De fato, literatura e história permitem a trama de narrativas complementares, capazes de ampliar a possibilidade de entendimento do processo de produção do saber. E a poesia como ferramenta de auxílio para esse entendimento, nos leva a percepção dos fatos ficcionais por um caminho diferente coloca Marisa Lajolo:

Os documentos refletem sempre os

olhos que os escreveram e quase sempre os que os lêem. Lidando com eles, a escolha não é minha nem sua; e até a nossa literatura é filtrada pela distância e pelas vivências: a que não temos do passado, e a que temos do presente. (LAJOLO,1982. p,49).

Assim como os poemas de Helena Kolody, e o retrato de suas vivências, trazem o passado. Em sua obra é perceptível a lembrança sobre um tempo que deixou saudade em sua vida. Uma revoada de sonhos, sentimentos vividos em um lugar e em um tempo “original” que deixaram marcas na autora e que fizeram com que suas recordações alcançassem o tempo presente.

Dessa maneira ao olharmos para a literatura e sua relação com a cidade, o rural e o imaginário, focamos na direção da vida dos autores, nos seus sonhos e experiências. As representações poéticas de Kolody sobre o espaço urbano inspira um novo pensar para os sentimentos e emoções retratados nos poemas. Esses vão muito além das fronteiras dos livros, se transportam em ideias e maneiras de se viver.

Referências

- BORGES, Valdeci Rezende. 1993. **História e literatura: uma relação de troca e cumplicidade**. In: Revista história & perspectivas. N. 9. Uberlândia: UFU.
- CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 1997.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Nacional, 1985.
- CERTEAU, Michael. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 19
- CRUZ, Antonio Donizeti da. **Universo poético de Helena Kolody: imigração ucraniana no Paraná e nostalgia enquanto retorno às origens**. *Línguas & Letras* 8.15 (2007)
- FONTES, Luiza Cristina dos Santos. A Terra Estrangeira de Helena Kolody. *Graphos*. João Pessoa, v. 9, n. 1, Jan./Jul./2007
- KOLODY, Helena. **Paisagem interior**. Curitiba:

- Escola Técnica de Curitiba, 1941.
- KOLODY, Helena. **Ontem Agora**. Curitiba. 1991.
- KOLODY, Helena. **Sempre Palavra**. Curitiba. 1986.
- KOLODY, Helena. **Sinfonia da vida**. Curitiba: Editora Letraviva, 1997.
- KOLODY, Helena. **Viagem no espelho e vinte e um poemas inéditos**. Curitiba: Criar Edições LTDA.2001.
- LAJOLO, Marisa. 1982. **O que é literatura**. São Paulo, Brasiliense.
- MONTEIRO, Carlos A. de F. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002. 242p
- PESAVENTO, Sandra Jataí. **O Imaginário da Cidade – Visões Literárias do Urbano** Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999. Cap. 2: O Imaginário de Paris. Do final do séc. XVIII ao final do séc. XIX.
- SOUZA, Marco Aurélio de. **Paisagens do interior: regiões de memória e outros lirismos na primeira poética de Helena Kolody (1941-1951)** Uniletras, Ponta Grossa, v. 35, n. 2, p. 283-296, jul./dez. 2013 Disponível em:
- WHITE, Hayden. **A Questão da Narrativa na Teoria Histórica Contemporânea**. In. NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogério F. da (orgs.). *Nova História em Perspectiva* (Vol. 1 - Propostas e Desdobramentos). São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- **Trópicos do discurso: Ensaios sobre a Crítica da Cultura**. 2ª. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. (Ensaios de Cultura: 6).
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura** / Raymond Williams; tradução Paulo Henriques Britto. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.